



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

AILANTI DE MELO COSTA LIMA

**MOVIMENTO HIP-HOP EM CAMPINA GRANDE: JUVENTUDE,
HISTÓRIA E NARRATIVAS AFRO-BRASILEIRAS**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

AILANTI DE MELO COSTA LIMA

**MOVIMENTO HIP-HOP EM CAMPINA GRANDE: JUVENTUDE,
HISTÓRIA E NARRATIVAS AFRO-BRASILEIRAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciada em História.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732m Lima, Ailanti de Melo Costa

Movimento hip hop em Campina Grande [manuscrito]:
juventude, história e narrativas afro-brasileiras / Ailanti de Melo
Costa Lima. - 2014.

40 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

*Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo,
Departamento de História*.

1. Hip Hop - Movimento Social 2. Cultura Afro-brasileira
3. Jovens 4. História Cultural I. Título.

21. ed. CDD 305.235

AILANTI DE MELO COSTA LIMA

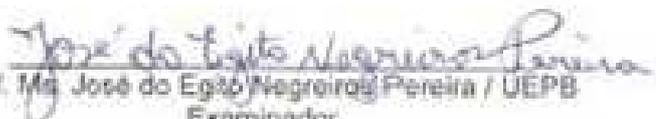
**MOVIMENTO HIP HOP EM CAMPINA GRANDE: JUVENTUDE, HISTÓRIA E
NARRATIVAS AFRO-BRASILEIRAS**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba,
em convênio, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
graduanda.

Aprovada em 05/12/2014.



Prof.ª Dr.ª Patrícia Cristina de Aragão Araújo / UEPB
Orientadora



Prof. Mg. José do Egito Negreiros Pereira / UEPB
Examinador



Prof.ª Dr.ª Maria Lindaci Gomes de Souza / UEPB
Examinadora

Ao meu Deus, por me dar forças e me fazer passar por todas as barreiras encontradas no decorrer da minha jornada acadêmica, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, meu Senhor, que, como meu pai, deu-me força, serenidade, compreendeu meu propósito, ajudou-me e conduziu-me em toda esta trajetória.

Ao meu pai, **Lourival Herculano de Lima** (*in memoriam*). Mesmo não estando presente fisicamente, pude sentir seu amor em todos os momentos.

A minha mãe, **Sueli de Melo Costa**, pela dedicação e amor que sempre me deu.

Aos meus avós, **Manuel Monteiro Costa** e **Euridice de Melo Costa**, por todo o carinho que tiveram para comigo sempre.

Ao meu amado e adorado esposo, **Robson Rogaciano Fernandes da Silva**, por sua confiança, dedicação e seus conselhos, além de todo o seu amor nas horas mais difíceis.

A minha irmã, **Wênia de Melo Costa Lima**, pelo apoio e carinho nas horas em que mais precisava.

A minhas tias, **Suênia de Melo Costa Diniz** e **Silvana de Melo Costa**, pelo apoio, carinho e incentivo que sempre me deram.

As minhas melhores amigas de toda a vida, **Ana Claudia Dantas Lima**, **Marcila de Almeida**, **Michelle Santino Fialho**, **Priscilla Formiga** e **Tércia Fernanda da Silva**, por sempre me ajudarem e sempre estarem ao meu lado nas horas mais turbulentas.

Aos meus professores, por sempre me incentivarem a crescer, tanto intelectualmente quanto humanamente.

A minha querida professora e orientadora, Doutora **Patrícia Cristina de Aragão Araújo**, pelo conhecimento e ajuda dada para a realização do meu TCC, por todo o seu apoio, carinho e amizade em todos os momentos da graduação, além de ser um espelho no qual quero me inspirar e seguir.

Ao professor **José do Egito**, por sempre me incentivar a não desistir dos meus sonhos, além de fazer parte importante da idealização deste trabalho.

À professora **Maria Lindaci**, por me ajudar na idealização desse trabalho.

Todas as nossas palavras serão inúteis se não brotarem do fundo do coração. As palavras que não dão luz aumentam a escuridão.

Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

O Hip-Hop é um movimento social que tem como base fazer com que os jovens praticantes dessa arte possam, por meio dos seus seguimentos, o Break, o Rap e o grafite, expressar suas emoções e seu modo de olhar o mundo. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a representação do movimento Hip-Hop na cidade de Campina Grande-PB, enquanto prática cultural afro-brasileira, no sentido de perceber como os jovens que fazem parte deste movimento, através do grafite, do Rap e da dança Break, constroem suas identidades juvenis. Nossa proposta é discutir a cultura afro-brasileira através do movimento Hip-Hop à luz da História Cultural, enfatizando as práticas culturais e sociais dos jovens praticantes deste movimento e a construção de suas identidades juvenis. O referencial teórico utilizado nesta pesquisa foram os trabalhos de Hall (2002), Pesavento (2005) e Santos (2005). Como aporte metodológico, utilizamos a história oral temática e a entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados. Fez-se também uma pesquisa bibliográfica e documental, cujas fontes foram cartazes, fotografias e trechos de músicas. Esta pesquisa nos permitiu compreender que os espaços e lugares das produções do movimento na cidade possibilitam perceber as expressões da cultura afro-brasileira e a importância histórica e cultural do movimento em Campina Grande para a construção das identidades juvenis.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Movimento. Hip-Hop. Juventude. Afro-brasileiro.

ABSTRACT

Hip-Hop is a social movement based on enabling young practitioners of this art can express their emotions and world view through Break, Rap and graffiti. This paper aims to reflect on Hip-Hop representation in Campina Grande (Paraíba, Brazil) as an Afro-Brazilian cultural practice, in order to discover how young people who are part of this movement build their identities through graffiti, Rap and Break dance. Our proposal is to discuss Afro-Brazilian culture through the Hip-Hop movement considering Cultural History's theoretical basis, emphasizing the subjects' cultural and social practices, besides how they conduct their youth identities. This study was grounded in Hall (2002), Pesavento (2005), and Santos (2005). Oral history was used as methodological approach, and semi-structured interviews were applied as a data collection technique. There was also a bibliographic and documentary research, whose sources were posters, photographs, and song samples. This research allowed us to understand that the motion spaces and places in the city enable Afro-Brazilian culture expressions. Besides, they also imprint historical and cultural importance to the Hip-Hop movement in Campina Grande when it comes to youth identities construction.

KEYWORDS: Culture. Movement. Hip-Hop. Youth. Afro-Brazilian.

LISTA DE FIGURAS E ELEMENTOS GRÁFICOS

FIGURA 01	Logomarca do NH2C	27
FIGURA 02	Logomarca do 1º Encontro Nacional de Rappers e Repentistas - Rap & Rep.....	27
FIGURA 03	Semana do Hip-Hop.....	30
FIGURA 04	O Hip-Hop como ferramenta educacional.....	31
FIGURA 05	Batalha de Break em Campina Grande.....	32
FIGURA 06	Ação Hip-Hop Campina.....	33
FIGURA 07	Doe um muro a um grafiteiro.....	38
FIGURA 08	Hip-Hop gospel paraibano.....	39
FIGURA 09	Hip-Hop na tenda.....	39
FIGURAS 10 E 11	Pancadão mais Batalha de Bboy.....	40
FIGURA 12	Virada Sócio-Cultural, em 12 de outubro de 2012.....	40
FIGURA 13	Coletânea <i>Hip-Hop Cultura de Rua</i>	42
FIGURA 14	CD RAP: artistas campinenses.....	43
FIGURA 15	CD lançado em Campina Grande, Repper Fiell.....	43
FOTOGRAFIAS 01 E 02	Show no CUCA, em 2011. À esquerda, rapper, dançarinos de Break e DJ's; à direita, um repentista.....	33
FOTOGRAFIA 03	Exposição de Grafite no CUCA, em 2011.....	34
FOTOGRAFIAS 04, 05, 06 E 07	Desenho para Grafitti, Break Dance e Stencil Art: Arte Urbana.....	34
FOTOGRAFIA 08	Dançarinos de Break Campinense mostrando passos da dança.....	46
FIGURA 09	Jovens grafitando o muro do CUCA.....	48
FIGURA 10	Resultado final da grafiteagem do muro do CUCA.....	48

LISTA DE SIGLAS

BRADAN	Brasil Break Dance
CEU	Clube dos Estudantes Universitários
CUCA	Centro Universitário de Cultura e Arte
CUFA	Central Única das Favelas
DJ	Disc Jockey
EUA	Estados Unidos da América
FIC	Fundo de Incentivo à Cultura
MC	Mestre de Cerimônia, ou, no contexto do Break, <i>Music Command</i> , ou Comando da Música
MH2O	Movimento Hip-Hop Organizado
NH2C	Núcleo Hip-Hop Campina
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
RAP	<i>Rythm and Poetry</i> , ou Ritmo e Poesia
SESC	Serviço Social do Comércio

SUMÁRIO

0.	INTRODUÇÃO	13
1.	AS CULTURAS JUVENIS E O MOVIMENTO HIP-HOP: TESSITURAS DAS REPRESENTAÇÕES AFRO-BRASILEIRAS.....	17
1.1	A história cultural e as identidades juvenis na contemporaneidade.....	17
1.2	O movimento Hip-Hop: contexto histórico e suas representações.....	23
2.	NARRATIVAS AFRO-BRASILEIRAS DAS CULTURAS JUVENIS CAMPINENSES: REPENSANDO O HIP-HOP E SUAS ARTES DE FAZER.....	36
2.1	A cultura afro-brasileira e as narrativas do hip-hop campinense.....	36
2.2	Tecendo histórias e representando um saber-fazer juvenil.....	37
3.	REPRESENTAÇÕES AFRO-CAMPINENSES DO HIP-HOP: OLHARES JUVENIS.....	41
3.1	O Rap e as formas poéticas de narrar o social.....	41
3.2	A dança e os modos de representar a arte.....	44
3.3	O grafite nos territórios da cultura campinense.....	47
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	51
	ANEXO.....	54

0. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a discutir sobre o movimento social e cultural Hip-Hop em Campina Grande-PB na perspectiva dos jovens praticantes desta cultura, no sentido de refletir, a partir deste movimento, o lugar da cultura negra na cidade, bem como as mediações e recepções dela entre os jovens e a maneira como é representada.

O Hip-Hop originou-se no Bronx, bairro pobre da periferia de Nova York, nos anos 1970. Através deste ritmo musical, jovens pobres encontraram uma maneira legítima de expressão. Na cidade de Campina Grande-PB, o movimento começou a aflorar durante os anos 2000. Contudo, teve um reduzido espaço. Foi com o Primeiro Encontro Nacional de Rappers e Repentistas - Rap & Rep, ocorrido em outubro de 2007, que esse movimento ganhou um grande espaço, tanto regional como nacionalmente.

Torna-se importante falar-se sobre essa questão do Hip-Hop a partir dos jovens que fazem parte do movimento enquanto dançarinos de Break, cantores de Rap e artistas/ desenhistas do grafite, pois, a partir de suas falas, teremos a possibilidade de compreender como se deu a consolidação desse movimento na cidade e de que forma a cultura afro-brasileira se encontra no cerne desta cultura.

Nossa proposta é problematizar o movimento Hip-Hop na cidade, com vistas a compreender como os jovens integrantes desse tipo de prática cultural percebem o lugar deste movimento na cidade a partir do Break, do grafite e do Rap.

Além de identificar o lugar do movimento Hip-Hop em Campina Grande, nosso interesse se volta igualmente para a intenção de elucidar como estes jovens participantes do movimento se posicionam com relação a esta prática cultural e de que forma eles percebem a cultura negra da qual o Hip-Hop faz parte na cidade.

Enquanto objetivo geral, nossa proposta foi refletir sobre a representação do movimento Hip-Hop em Campina Grande enquanto prática cultural afro-brasileira, no sentido de perceber como os jovens que fazem parte deste movimento, através do grafite, do Rap e do Break, constroem suas identidades juvenis.

Como objetivos específicos, apresentamos as seguintes perspectivas: discutir sobre o movimento Hip-Hop à luz da História Cultural, enfatizando, a partir dela, a cultura afro-brasileira e as práticas culturais e sociais dos jovens praticantes das expressões contidas no Hip-Hop na construção de suas identidades juvenis; problematizar o movimento Hip-Hop em Campina Grande através do Rap, do grafite

e do Break, analisados através das narrativas dos jovens praticantes; refletir sobre o movimento Hip-Hop, abordando o contexto de seu surgimento em Campina Grande a partir do período compreendido entre 2007 e 2014.

A escolha por este recorte temporal surgiu a partir das pesquisas realizadas, haja vista que o movimento Hip-Hop teve início na cidade de Campina Grande a partir dos anos 2000. Trabalhamos até 2014 para mostrar como esse movimento foi crescendo na cidade, com o intuito de mostrar como se deu o surgimento dessa cultura, passando para a adesão do movimento no Brasil a partir do enfoque às cidades que inicialmente tiveram mais contato com essa forma de expressão até chegar à cidade de Campina Grande-PB, para então mostrar como esse movimento vem se difundindo hoje.

Tentaremos, aqui, responder à seguinte pergunta: de que modo o movimento Hip-Hop em Campina Grande representa a cultura afro-brasileira na cidade e constrói as identidades dos jovens praticantes desta cultura?

A escolha desse tema partiu da época em que estávamos cursando o primeiro período da graduação em História, mais especificamente quando começamos a fazer parte do grupo de pesquisadores do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com a professora Patrícia Cristina de Aragão Araújo. Nesse contexto, o primeiro projeto realizado tinha como título *Memórias culturais e educacionais afro-campinenses: Redes de saberes nas tessituras da educação intercultural*.

A partir do contato que tivemos com os grafiteiros, os dançarinos de Break e os rappers, fomos tecendo conjecturas acerca de qual seria o lugar deles na cidade enquanto jovens praticantes e, a partir disso, passamos a estabelecer uma relação entre movimento social Hip-Hop e a cultura afro-brasileira. Nessa conjuntura, nasceu a necessidade de desenvolver uma pesquisa na qual fosse possível discutir a cultura afro-brasileira na cidade na perspectiva do movimento Hip-Hop e das narrativas construídas a partir da fala dos jovens praticantes incluídos neste movimento.

Acreditamos que o nosso trabalho contribui para a reflexão da cultura afro-brasileira na perspectiva das culturas juvenis e do Hip-Hop, bem como traz luz para a pesquisa histórica afro-brasileira ao destacar a legitimidade dos movimentos culturais a partir do Hip-Hop. A relevância deste estudo para a pesquisa histórica reside na reflexão fomentada em torno da relação existente entre a cultura afro-brasileira e o movimento Hip-Hop a partir das culturas jovens, contribuindo

igualmente para o curso de História na linha de estudos culturais. Isto porque a presente pesquisa instaura o debate sobre a cultura afro-brasileira e suas representações através do Hip-Hop, além de contribuir para os estudos voltados para a cultura afro-brasileira e as questões relativas à juventude, refletindo sobre o papel do jovem no referido movimento e no âmbito cultural afro-brasileiro.

Este estudo está situado no campo dos estudos da história cultural, a partir das discussões sobre a cultura afro-brasileira. Nesse diapasão, analisaremos as discussões sobre o movimento Hip-Hop através do Rap, do grafite e do Break, com vistas a perceber o lugar dessa cultura na nossa sociedade e, especificamente, na sociedade campinense, através da atuação dos jovens praticantes negros e não negros.

Como categorias de análise, trabalhamos com o conceito de identidade a partir de Hall (2002), a partir do qual se assevera que os indivíduos não têm apenas uma identidade, pois, a cada dia, estes se apropriam de novas identidades, ou seja, a identidade não é algo fixo e imutável, e sim uma (des/re) construção em constante movimento ao sabor do tempo. Por este motivo, é de grande importância refletir sobre este conceito. Para construir o conceito de cultura, tomamos por base Pesavento (2005), Santos (2006) e de Certeau (2008).

A relevância de delimitar esse conceito está na questão das múltiplas maneiras de se fazer cultura, ou seja, é necessário falar acerca do tema, pois a cultura é mutável e diretamente ligada ao ser humano. Nessa perspectiva, discutir cultura é essencial para se entender essas novas práticas culturais que começam a surgir com o decorrer dos dias, evidenciando que cada ser e cada sociedade identifica sua cultura como sendo a mais certa ou a melhor. No entanto, percebemos que não existe uma cultura certa ou uma cultura errada; cada pessoa pode escolher qual cultura deseja seguir.

Para as considerações sobre o movimento Hip-Hop, buscamos embasamento em Lima (2012), discutindo sobre como o movimento em si foi criado e qual a sua importância para a divulgação da cultura negra.

Após levantamento e catalogação das fontes, dos sujeitos da pesquisa e dos locais a serem pesquisados, fizemos contato com os membros colaboradores para as entrevistas, acertando o início das gravações e explicando antecipadamente ao/à entrevistado/a todos os procedimentos, como também a motivação dos mesmos. Logo após, partimos para a catalogação de jovens campinenses integrantes da

cultura Hip-Hop. Feito isto, passamos a fazer as entrevistas, buscando, a partir delas, descobrir como se deu o surgimento do movimento na cidade. Em seguida, começamos a entrar em contato com alguns dos primeiros integrantes da cultura em Campina Grande, para, assim, sabermos como esta cultura chegou aqui. Concluídas as entrevistas, partimos para as pesquisas bibliográficas e documentais, buscando autores que abordassem a temática escolhida. Posteriormente, fizemos uma catalogação de sites, blogs e comunidades que tratavam exclusivamente desse tema.

Desenvolvemos nossa pesquisa utilizando-nos tanto da história oral temática como da pesquisa documental e bibliográfica. A primeira consiste em um método no qual o pesquisador se vale de entrevistas e demais narrativas orais, tratando-as como documentos. Assim, entrevistamos jovens que fazem e que fizeram parte da cultura do Hip-Hop, além dos fundadores da cultura na cidade. No preâmbulo da pesquisa documental e bibliográfica, por sua vez, utilizamos, além dos estudiosos nos quais fundamentamos o percurso teórico do presente estudo, algumas fontes virtuais, como blogs, Facebook (para a realização de entrevistas com pessoas que fazem ou fizeram parte do movimento Hip-Hop em Campina Grande, mas que não residem no momento na cidade) e comunidades.

Nosso trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro, intitulado *As culturas juvenis e o movimento Hip-Hop: tessituras das representações afro-brasileiras*, visa a propor uma discussão acerca das identidades juvenis na contemporaneidade, refletindo sobre o movimento social Hip-Hop a partir das premissas da história cultural, a partir da qual abordaremos, em um primeiro ponto, a cultura juvenil na contemporaneidade para, em seguida, situarmos o Hip-Hop, suas historicidades e repercussões.

O segundo capítulo, *Narrativas afro-brasileiras das culturas juvenis campinenses: repensando o Hip-Hop e suas artes de fazer*, tem como principal objetivo ressaltar como, através deste movimento social, podemos enquadrar a questão afro-brasileira na cidade de Campina Grande.

Por fim, o último capítulo, *Representações afro-campinenses do Hip-Hop: olhares juvenis*, pretende discutir sobre os três estilos inseridos no movimento e como os jovens colaboradores se percebem dentro dele.

1. AS CULTURAS JUVENIS E O MOVIMENTO HIP-HOP: TESSITURAS DAS REPRESENTAÇÕES AFRO-BRASILEIRAS

Este capítulo tem por objetivo falar sobre as identidades juvenis na contemporaneidade, refletindo sobre o Hip-Hop a partir das discussões no contexto da história cultural. Primeiramente, discute-se a cultura juvenil na contemporaneidade para, em seguida, abordamos o referido movimento social, suas historicidades e repercussões.

1.1 A história cultural e as identidades juvenis na contemporaneidade

Este trabalho está situado no campo da história cultural, tendo por base o Hip-Hop e suas repercussões na sociedade brasileira. A análise histórica neste campo do saber propicia ao historiador abranger a temática trabalhada a partir de variadas fontes e se utilizar de novos recursos para fomentar uma nova história. Ressaltamos que discutir sobre este tema, há até pouco tempo, aqui no Brasil, não era viável, haja vista que se prezavam muito as questões ligadas à política. Assim, trabalhos orientados por uma vertente mais cultural, trazendo à tona novas questões, como a do negro na perspectiva do Hip-Hop, não eram ainda empreendidos.

Sabe-se que, do século XVIII ao início do século XX, os historiadores produziam a partir de documentos oficiais, ou seja, documentos escritos por pessoas que faziam parte da elite. Logo, os sujeitos da história eram personagens ilustres que viveram uma vida de “grandes feitos”. Nesse contexto, os historiadores somente transcreviam o que constava nos documentos, tornando os seus sujeitos verdadeiros heróis. Conforme pontuam Buritti & Marques (2009, p. 37),

As ciências positivistas caracterizaram-se por utilizarem um método bem rígido de estudar e ordenar os fenômenos observáveis. Assim, percebe-se, na produção historiográfica, uma aproximação com os métodos das ciências naturais. A preocupação com a busca da verdade era uma constante.

A Escola dos Annales, que se contrapôs ao ideário positivista, começou a ganhar ênfase. A partir dela, modificou-se o conceito de sujeitos da história. A partir deste momento, tais sujeitos não mais se restringem apenas aos grandes vultos, englobando também as pessoas comuns.

A partir dessa nova geração, começou-se a desenvolver estudos sobre temáticas como mulheres, idosos, crianças e negros, que antes eram esquecidas pela historiografia. Nessa perspectiva, ganhou corpo uma história vista de baixo. Além disso, novas fontes foram erigidas e passaram a serem utilizadas, como documentários, literaturas, fotografias, história oral, diários etc.

A história cultural surge com a ascensão dessa nova escola, cujo ideal era fazer uma história de tudo e de todos. Desta feita, a história cultural trouxe uma nova discussão, na qual se poderia falar tanto dos grandes vultos históricos como também dos homens e mulheres comuns, além de oferecer um leque de temas que passam pela questão cultural das elites às camadas populares. Esta abordagem não situa uma em detrimento da outra, evidenciando a importância de ambas. Assim, o historiador pode escolher suas fontes e seus sujeitos. Para Pesavento (2005, p. 42),

pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e ao mundo.

A partir da história cultural, o historiador busca, por meio das fontes das quais dispõe, escrever uma verdade consoante com o seu olhar. Contudo, fica claro que, no campo historiográfico, não existe uma verdade absoluta, pois é muito improvável que o historiador esgote o seu objeto de estudo. Nesse sentido, Pesavento (2005, p. 51) argumenta que

[...] no campo da História Cultural, o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões. A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única ou absoluta. O mais certo seria afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas.

No contexto da história cultural, surgem outras correntes, as quais adentram novas perspectivas. Articula-se a ela um saber transdisciplinar, representado pela contribuição teórica oriunda, por exemplo, da Antropologia e das Ciências Sociais, proporcionando ao historiador ampliar seu objeto de estudo no tocante aos seus

referenciais em torno da questão sociocultural. Nessa conjuntura, surgem os estudos sobre identidade, cultura, representação, cotidiano, entre outros temas que interessam aos historiadores.

Por meio da história cultural, cabe aos historiadores que bebem desta fonte discutir sobre cultura, à guisa de mostrar sua importância com relação a este campo epistemológico. Em primeiro lugar, podemos denominar cultura como tudo aquilo que faz parte da vida de uma sociedade ou de um povo, ou seja, seus ritos, suas crenças, suas ideias e seus conhecimentos. Para Santos (2006, p. 180),

a cultura, então, é uma dimensão do processo social da vida de uma sociedade. Ela diz respeito a todos os aspectos da vida social e é errado dizer que ela existe em alguns conceitos e não em outros. Ela é uma construção histórica.

Partindo desse pressuposto, perceberemos que cada cultura tem sua importância para as sociedades, pois cada uma apresenta aspectos diferenciados. Todas partilham de processos históricos diferentes, mas também de semelhanças e características comuns. Dessa forma, vale dizer que, apesar de muitas pessoas crerem que a sua cultura é a melhor, não existe cultura superior ou inferior. Como pontua Santos (2006), toda cultura tem o mesmo valor, porquanto não haja nenhuma lei que estabeleça o contrário. O que muda é o observador, investido de uma postura etnocêntrica para com costumes e crenças diferentes dos seus.

Para de Certeau (2008), as pessoas conseguem abrir o seu próprio caminho no que diz respeito aos produtos impostos pela cultura. Isto significa que cada um tem o direito de fazer o que lhe convier e de viver da melhor maneira, sem se importar em seguir a doutrina de uma determinada cultura. Segundo o autor, tudo pode ser utilizado para algum fim. O que importa é saber como usá-lo a seu favor, extraindo do seu ruído as maneiras de fazer, ou seja, tomamos para nós aquilo que de fato nos interessa e é o melhor para nós, porque em tudo há algo para ser aproveitado.

Diehl (2002) acredita que a história constitui um núcleo comum, do qual se podem extrair três orientações: História como processo real, História como disciplina e História como narração. Essas vertentes, por seu turno, dividem-se em dois sentidos: o singular (reconstruir o passado) e o plural (questionar os feitos passados). Perceberemos, assim, que o papel da história é reconstruir verdades

sobre o passado, quebrando as representações que se dizem unicamente verdadeiras.

No Brasil, existem diferentes práticas culturais: as de cultura negra e as práticas de influência europeia e indígena, as quais, com o passar dos tempos, foram se misturando, constituindo um quadro de miscigenação que até hoje continua muito forte.

A sociedade brasileira tem uma diversidade cultural muito abrangente, pois cada pessoa enfrenta realidades sociais e formas de vida diferentes. Mediante esses múltiplos estilos de vida, nascem a cultura erudita e a cultura popular. Para alguns teóricos, a categoria popular é a forma de classificação das práticas culturais e sociais, como também dos pensamentos e ações das populações mais pobres ou ditas populares. Acreditamos que essa cultura é pensada a partir da cultura erudita, isto é, há uma hibridação das culturas. Santos (2006) enfatiza que cultos religiosos como a umbanda e o candomblé, de origem afro-brasileira, e manifestações culturais como o carnaval estão relacionados à cultura popular por serem diretamente ligados ao povo. Entretanto, isto não nos autoriza a dizer que estas práticas são inferiores.

O autor assinala que a cultura, então, é uma dimensão do processo social da vida de uma sociedade. Ela diz respeito a todos os aspectos da vida social. Destarte, é um equívoco dizer que a cultura existe em alguns conceitos e não em outros. Ela é uma construção histórica.

Enfatizamos que todas as formas de cultura contribuem com aspectos e características para as outras. Entretanto, sempre há uma cultura menos aceita. Nesse pressuposto, no Brasil, podemos ressaltar a cultura afro-brasileira, que muitas vezes é mal quista por causa dos seus elementos. As pessoas a discriminam e não aceitam que ela está muito presente na formação do país e no cotidiano de todos. Este tipo de preconceito acontece principalmente em relação a seus cultos afro-brasileiros, seus ritos e modos de viver e ver o mundo. Por estes motivos, a cultura afro-brasileira é classificada como inferior e diretamente ligada a valores não cristãos, sendo não raro perseguida por pessoas que não sabem conviver com a multiplicidade cultural.

A cultura africana chega ao país por meio da vinda de negros/as como escravos/as em navios negreiros, transportados/as como animais, sem nenhum respeito. Essas pessoas vinham para cá contra a vontade, sequestradas de sua

terra e arrancadas de suas famílias. Chegando à nova terra, foram vítimas de várias humilhações e maus tratos. Tiraram delas sua dignidade e sua liberdade. Porém, apesar de tentarem, não conseguiram tirar suas expressões culturais, as quais frequentemente tinham de ser ocultadas, como, por exemplo, sua religião.

A cultura negra em nosso país, devido à hibridização cultural, não é atualmente a mesma que outrora chegou aqui, porquanto tenha havido um multiculturalismo, ou seja, uma troca de aspectos culturais, na qual cada cultura aqui encontrada sofreu mudanças. Para Sacristán (2002), os seres humanos são mutuamente dependentes uns dos outros por sua própria natureza, qualidade expressa no processo de socialização e civilização que experimentam. Dito de outro modo, é impensável que várias culturas em um mesmo lugar não sejam permutadas pelas pessoas.

Em Campina Grande, podemos encontrar diversos aspectos da cultura afro-brasileira. Esta prática cultural chegou à cidade junto com os/as escravos/as trazidos/as diretamente da África para trabalhar e servir aos senhores. A partir desta influência cultural, surgiram várias expressões atreladas a este segmento cultural, em que pessoas negras e não negras, como as que compõem o movimento Hip-Hop, fazem parte desta cultura, sendo esta de grande importância para a história e cultura campinense.

A cultura negra hoje está presente no cotidiano de todos os cidadãos brasileiros. No entanto, muitas vezes eles desconhecem sua ligação com esta cultura. Outras vezes, esta ligação é repudiada e seus praticantes sofrem preconceito. Mediante este aspecto, foram criadas ações sociais, políticas e educacionais, dentre as quais se destaca a Lei n. 10639/2003, que torna obrigatório que as escolas, tanto públicas como privadas, ensinem sobre a história e a cultura afro-brasileira. Dessa forma, a escola passa a ter o relevante papel de fazer com que os alunos tenham uma nova percepção sobre esta cultura, ensinando-os a conviver, a respeitar e a ter um novo olhar sobre ela, haja vista que, segundo Silva & Santos (2005), a identidade brasileira atualmente não é constituída em sua maioria por pessoas brancas. Há, sem dúvida, uma hibridização de cores no Brasil.

A cultura afro-brasileira, a despeito de sua importância, muitas vezes não recebe nenhum tipo de incentivo governamental. Muitos/as negros/as na cidade vêm a deixar de lado sua cultura, sua religião por vergonha de se autorreconhecer como negros/as. Hoje, a maioria das pessoas que participam do movimento Hip-Hop, por

exemplo, são brancas. Contudo, os negros que fazem parte do movimento lutam contra o preconceito e a violência contra as pessoas negras. Corroborando o posicionamento de Santos & Silva (2005), o negro pode até se projetar, virar um empresário, por exemplo, mas ainda vai continuar sofrendo discriminação racial. Por esse motivo, ele segue para movimentos sociais antirracismo.

No tocante à questão da identidade, Hall (2002) elucida que, com o passar do tempo, o termo identidade foi se tornando mais flexível. Em outras palavras, o ser humano sempre tem a possibilidade de usufruir de várias novas identidades. Nos dias atuais, há muitas identidades, como, por exemplo, as de ordem sexual, racial, regional, nacional, educacional, social, dentre outras. O autor, discorrendo sobre como o indivíduo, a partir desse infinito de possibilidades, vem a se construir perante a sociedade, preconiza que

a assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2002, p. 07).

Partindo das reflexões de Hall (2002), podemos perceber que o sujeito, nos dias atuais, não dispõe de uma identidade fixa, pois, a partir dessas várias opções, a identidade tona-se mutável. Tem-se a opção de modificar a própria identidade muitas vezes, evidenciando que as velhas identidades vêm entrando em declínio, posto que, a cada dia que passa, as pessoas tornam-se plurais. O sujeito cartesiano, então, torna-se obsoleto, cedendo espaço para esse novo sujeito “multi-identidades”. Para Hall (2002), não é possível ter uma identidade plenamente unificada, pois, a cada dia que passa, deparamo-nos com um mundo propenso ao surgimento de diversas identidades. Assim,

a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2002, p. 13).

Nessa perspectiva, percebemos que esse termo “identidade” é de grande relevância para o nosso trabalho, haja vista que, com a expansão dessas identidades, novos sujeitos irão nascer. Destarte, os jovens, atualmente, tanto brancos quanto negros, que escolheram abraçar as práticas culturais presentes no movimento Hip-Hop, assumem identidades que há até pouco tempo eram impensáveis. Isto porque o movimento faz parte da cultura negra, sendo até nos dias atuais muito discriminado. Contudo, os jovens parecem não se importar com isso e adentram no universo do Hip-Hop a despeito de questões como cor, religião ou gênero.

1.2 O movimento Hip-Hop: contexto histórico e suas representações

O termo "HIP-HOP" teve origem nos movimentos de dança da década de 1970: quadris “hip” e saltos “hop”, ou ainda “hip”=“cool” e “hop”=“dance”!, equivalendo, numa tradução livre, a “dança legal¹”. O movimento Hip Hop surge nesta época no sul do bairro do Bronx, nos Estados Unidos. Trata-se ainda hoje de um bairro muito pobre, que recebe poucos investimentos na educação e na população que ali vive, tendo em vista que a grande maioria de seus habitantes é negra ou imigrante, atraída pelo modo de vida norte-americano tão difundido pela mídia. Contudo, quando lá chegavam, o que encontraram foi pobreza e desigualdade social. Assim, a população do bairro começou a viver à sua maneira, criando novos aspectos culturais, como moda, danças e eventos.

A origem e as raízes da cultura Hip-Hop estão contidas no sul do Bronx em Nova Iorque (EUA). A ideia básica desta cultura era e ainda é: haver uma disputa com criatividade. Não com armas; uma batalha de diferentes (e melhores) estilos, para transformar a violência insensata em energia positiva².

Os jovens que ali viviam, devido à falta de infraestrutura, refletida, por exemplo, na carência de escolas e de espaços que os jovens pudessem utilizar para o lazer, além do pouco investimento nos bairros e casas e da falta de emprego,

¹ KW. **O que é o Hip Hop?**. In: Hip-Hop: !!!Eu estou aqui!!!. Disponível em: <<http://kworlddancer.webnode.pt/o-que-e-o-hip-hop/>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

² VENTURA, Bruno. **As raízes**. In: Hip-Hop: !!!Eu estou aqui!!!. Disponível em: <<http://kworlddancer.webnode.pt/as-raizes/>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

começaram a desenvolver bailes e eventos tanto nas ruas como nos colégios, nos quais havia disputas de dança. Na maioria das vezes, essas disputas envolviam gangs que, no cotidiano, digladiavam-se. E assim se iniciaram os primeiros passos do que hoje denominamos de cultura Hip-Hop.

A força motriz de todas as atividades dentro dos 4 elementos era fugir do anonimato, ser ouvido e visto e espalhar o nome por toda parte. Se alguém quisesse melhorar suas habilidades teria que deixar de fazer coisas ruins (drogas, crimes, etc...) por todo tempo, teria que pôr sua energia à disposição da cultura e com isso ajudar a trazer mais adiante o próximo nível da Cultura Hip-Hop e desenvolvendo seus elementos cada vez mais inspirando novamente outras pessoas³.

Esse movimento teve como primeira manifestação o Break. No entanto, vale salientar que os passos do Break inicialmente eram tidos como uma afronta à Guerra do Vietnã, pois os movimentos feitos durante a batalha imitavam os feridos na guerra. O movimento do Hip-Hop tem sua trajetória diretamente ligada à música negra, que desafiava a desigualdade social. Como evidencia Souza (2004, p. 69),

o surgimento do hip-hop está diretamente vinculado à história da música negra norte-americana e à luta por espaço e visibilidade por parte desse segmento. Os guetos de Nova York - habitados majoritariamente por uma população negra e pobre - foram o local onde surgiram as primeiras experiências da cultura. De lá, o Hip Hop se disseminou para outras áreas, obtendo força principalmente nos centros urbanos que apresentam uma deficiência em infraestrutura sócio-urbana.

Com a inicialização desse novo estilo, as gangs passaram a ser grupos de dança e, logo depois, passaram a usar o grafite como forma de expressão, e não mais para demarcar territórios. O movimento teve como principal líder o jamaicano Clive Campbel, que fez uma festa para sua irmã, Cindi Campbel, no dia 11 de agosto de 1973. Esta festa foi aberta ao público e, na ocasião, as pessoas começaram a se identificar com o som que ele fazia, diferente dos demais DJ's, que

³ VENTURA, Bruno. **As raízes**. In: Hip-Hop: !!!Eu estou aqui!!!. Disponível em: <<http://kworlddancer.webnode.pt/as-raizes/>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

seguiram as faixas tocadas nas rádios. Ele, por seu turno, ousava e usava instrumentos que faziam bastante barulho.

Kool Herc gostava muito de tocar músicas com muitos tambores e instrumentais marcantes, diferente dos demais DJs que tocavam naquela época que tocavam somente as faixas que já eram sucesso divulgadas pelas rádios da época. Herc se identificava muito com sons como: Just Began – Incredible Bongo Band e Give it Up Turn Loose – James Brown, sons que ficaram famosos em suas festas, ele procurava sons com instrumentais fortes e marcantes talvez pela sua raiz Jamaicana ele se identificasse mais com estes sons. Neste contexto que surgem os Break Boys, conhecidos mundialmente como B.Boys, devido a uma citação do próprio Herc que ao perceber que aqueles rapazes gostavam dos trechos musicais que ele tocava e gostava conhecidos como “Break”, termo musical que se refere ao momento musical em que os músicos apresentam seus instrumentos e sua habilidade, momento onde na maioria das vezes o vocal para e os instrumentos são a atração⁴.

Nessa perspectiva, surge então esse movimento composto por quatro elementos: O Mc (mestre de cerimônia), os Dj’s (disc jockeys), os B. Boys (dançarinos de Break) e o grafite. Os dois primeiros representam a manifestação musical do Hip-Hop. Os B. Boys concebem o Hip-Hop a partir de expressões corporais e o grafite traduz essa cultura a partir da sua arte.

Nos anos de 1980, muitos jovens já eram adeptos do movimento Hip-Hop. Majoritariamente residentes em áreas marginalizadas, esses jovens usavam o Hip-Hop para expressar sua vivência no local onde moravam, ressaltando, por exemplo, as desigualdades e a violência. À época, já havia um expressivo número de jovens adeptos do Hip-Hop, a maioria moradora de áreas socialmente marginalizadas que passou a utilizar a arte como meio para propagar as situações ultrajantes com as quais estavam acostumados a conviver (FOCHI, 2007). Ainda nessa época, em São Paulo e Brasília, começaram a surgir os primeiros grupos no Brasil. Estes possuíam grande influência norte-americana, mas, pouco a pouco, foram se transformando de acordo com a cultura de sua localidade.

⁴ RIBEIRO. **Apostila Conheça o Hip-Hop-wagz Nos Think Criu**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/199774378/Apostila-Conheca-o-Hip-hop-wagz-Nos-Trink-Criu>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

O Hip Hop surgiu no Brasil na década de 80. O Hip Hop Brasileiro é diferente do norte-americano. Apesar de existir uma tendência de apropriação de alguns símbolos de uma cultura negra internacionalizada - como as roupas - dando a impressão de um movimento globalmente mais uniforme, as muitas diferenças que separam Brasileiros e norte-americanos ajudam a determinar, no Brasil, um Hip Hop diferenciado⁵.

Na cidade de São Paulo, Hip-Hop foi muito influente, porque os jovens queriam mostrar para a sociedade sua força, suas ideias e perspectivas, tendo os membros dessa cultura na rua 24 de maio e no metrô São Bento o nascedouro de grandes artistas.

Em Campina Grande, os quatro elementos formadores do Hip-Hop conviviam de maneira desarticulada. Com o surgimento do Núcleo Hip-Hop Campina (NH2C), em 2007, fundado por Thiago Joh (Dj), George Macedo (Dj Frequência Zero) e Znock Morb (grafiteiro e Mc), é que tais elementos passaram a ser “organizados”. Como afirma Stimps, 29 anos, grafiteiro da cidade de Campina Grande e membro da Central Única das Favelas (CUFA), em entrevista a Lima (2012, p. 06),

já há alguns anos que elementos da cultura hip-hop (Dj, B. Boy, Mc, e Grafiteiro) são visíveis na cidade de Campina Grande. Só no início de 2007, com a consolidação do “Núcleo Hip-Hop Campina” - que tem como o seu maior objetivo realizar ações de cunho artístico-cultural em comunidades marginalizadas da cidade - é que as ações realizadas ganham visibilidade e despertam olhares para uma cultura que até então era invisível neste município.

O grupo Hip-Hop NH2C foi criado na cidade de Campina Grande no ano de 2007. Completando sete anos de existência em 2014, este grupo permanece lutando a favor da cultura.

O PROJETO NH2C é formado por vários MC's e grupos de Rap que fazem parte do núcleo Hip Hop Campina, estilos diferente que se unem para representar o RAP Campinense. Entre eles estão Mc Onários (Mordekay Lilseth musguizinho e Igor) Will Jeff mc, Pleiade, Triplo G, Rimaël, MK e Kbeça. Os toca discos t6a na resposta do Dj

⁵ Citação disponível originalmente em: <<http://www.dancaderua.com.br/historia.htm#hiphop02>>. No entanto, atualmente, a página não está mais disponível na Internet, o que nos impossibilitou o registro de todas as informações técnicas da citação.

Joh 189. Às vezes todos juntos fazendo um só som, a exemplo da música “SISTEMA TEMA”⁶.

A Figura 01 mostra a logomarca do grupo NH2C, de grande importância no contexto do movimento na cidade. A partir das pesquisas, constatamos ser este o grupo mais antigo da cidade:

FIGURA 01: Logomarca do NH2C.



Fonte: <http://nh2crepresenta.blogspot.com.br/>

Percebemos que o movimento Hip-Hop em Campina Grande toma ainda mais fôlego e começa a ser reconhecido nacionalmente quando a cidade, de 26 a 28 de outubro de 2007, realizou o 1º Encontro Nacional de Rappers e Repentistas - Rap & Rep, na casa de shows Spazzio. O evento trouxe o Hip-Hop junto ao rap e à cultura repentista. Ambos, apesar dos estilos diferentes, trazem o improviso enraizado. A Figura 02 abaixo mostra a arte de divulgação do evento.

FIGURA 02: Logomarca do 1º Encontro Nacional de Rappers e Repentistas - Rap & Rep.



Fonte: <<http://inrecife.files.wordpress.com/2007/09/rap-per.jpg>>.

⁶ O mesmo ocorreu com esta citação, cuja página infelizmente foi retirada da Internet.

O Evento “Rap & Rep”, o primeiro do gênero em todo o país, conferiu visibilidade à cultura Hip-Hop e dos repentistas. O Hip-Hop Campinense mostrou “sua cara” para o Brasil, sinalizando a grande relevância desta cultura na cidade.

Os beats do hip-hop se encontram com os motes da cantoria entre os dias 26 a 28 de outubro, em Campina Grande, na Paraíba. Conhecida pelo Maior São João do Mundo e pelo internacional Encontro Para Nova Consciência, Campina, a 120 km da capital João Pessoa, irá sediar o I Encontro Nacional de Rappers e Repentistas, que ganhou o apelido de “Rap & Rep”. O evento, o primeiro do gênero no país, é promovido pelo Ministério da Cultura, em parceria com o Governo da Paraíba, por meio da Subsecretaria de Cultura do Estado e com apoio cultural da Petrobras. Em quatro dias, estarão em Campina Grande, no Spazzio, nomes importantes do universo do hip-hop, como Zé Brow, Nelso Triunfo, Marechal, Z’Africa Brasil, Gabriel O Pensador e Gog, e da cultura popular, como Oliveira de Panelas, Cajú e castanha, Cabruêra, Selma do Côco e As “Ceguinhas” de Campina (as irmãs protagonistas de “A Pessoa É Para o Que Nasce”), entre tantos outros. A ideia do I Rap & Rep é mostrar que gêneros aparentemente tão distintos têm muito mais em comum do que nós pensamos. Assim, a rima e a poesia, a dança de rua, a discotecagem e o grafite irão coexistir junto com a embola, o cordel e o próprio repente. Tudo isso em meio a uma grande feira de música e informação, com shows, oficinas e debates, com acesso gratuito ao público⁷.

O evento fez com que muitos amantes e adeptos da cultura se encontrassem. Não somente os rappers, mas membros dos quatro elementos. Sua aceitação foi tamanha que chegou a lotar a casa de shows. Ele trazia oficinas, palestras, cursos entre outros. Muitos jovens, logo após o evento, resolveram mostrar seus talentos, para que, desta forma, fossem reconhecidos nacionalmente. Como explica Ivis Love:

A cultura surgiu não sei exatamente o ano, pois tinham pessoas como o DJ Thiago Alcantra (JOH), B. Boys como o Nathan e o Nilo, que já estavam ativos quando comecei. Mas, o Hip-Hop de fato estourou em Campina Grande após o evento Rap Repente, que foi um encontro de Hip-Hop a nível nacional que a cidade sediou, onde ocorreu cursos e apresentações para todos... e lá estavam presentes muitos dos que hoje não estão mais ativos, mas ainda resistentes pela cultura. Após este evento, nos veio a ideia de formar uma Crew para expandir a cultura pela cidade e sair levando o nome da cidade pelo país. Assim, nasceu a Guerreiros do Ritmo Crew, que veio como quebra de barreiras por poder contar com garotas, que antes não faziam parte da cultura Breaking. Posso citar isso a início, dando, sim, créditos ao Banks (São Paulo), Chimba (Recife), Nathan

⁷ Disponível em: <<http://mundocordel.blogspot.com.br/2007/10/rap-e-repente.html>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

(Campina Grande), Nilo (Campina Grande), Erique (Campina Grande) como referência para o início da expansão da cultura na cidade (informação verbal⁸).

Os jovens integrantes da cultura na cidade faziam reuniões no Parque da Criança, onde planejavam suas ações, além de ser o local para a realização dos treinos. Ademais, ainda encontravam-se com frequência em reuniões feitas no CUCA, em colégios da cidade, na rodoviária e em determinados bairros. De acordo com Ivis Love,

No Parque da Criança, havia um encontro dos praticantes da dança, mas logo após veio como ponto de reuniões o CUCA (antigo CEU), no açude velho. Mas também posso citar pontos dos praticantes da cultura nos bairros do cruzeiro, no colégio Raul Córdula, e no bairro da Catingueira também, assim como depois veio a rodoviária de Campina Grande a ser usada como ponto de ensaios do grupo Guerreiros do Ritmo, com a falta de espaços no início (informação verbal⁹).

Após o evento, Campina Grande começou a florescer no que tange à questão do movimento. No CUCA, por exemplo, passou a haver eventos e shows que traziam rappers, Dj's, amostra de grafiteiros e dançarinos de Break de todo o Brasil, promovendo, desta maneira, à população um pouco do mundo do Hip-Hop. Um desses movimentos foi a Semana do Hip Hop, que ocorreu de 07 a 12 de novembro de 2010.

Na próxima sexta-feira, 12 de novembro, será comemorado o dia mundial do Hip Hop. Entretanto, o Núcleo Hip Hop Campina, em parceria com a Frente Brasileira de Hip Hop, convidam a todos para uma semana de atividades ligadas ao movimento, entre os dias 07 e 12 grandes nomes da cena estarão mostrando o Hip Hop como um forte instrumento de educação e de política cultural. O objetivo é reunir um grande grupo e reforçar o espírito plural deste movimento que tem seu dia celebrado no mês da consciência negra¹⁰.

⁸ LOVE, Ivis. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida por Ivis Love sobre a cultura Hip-Hop em Campina Grande-PB [18 jun. 2014]. Entrevistadora: Ailanti de Melo Costa Lima. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (50 min.).

⁹ Idem.

¹⁰ Disponível em: <<http://cufaalagoanova.blogspot.com.br/2010/11/diamundialdohiphop-sera-comemorado.html>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

O NH2C de Campina Grande, após o término do evento nacional, resolveu trazer mais atrações para a cidade, desta maneira, incentivando novos eventos de cunho cultural para que a cidade não se esquecesse da importância do movimento. A Figura 03 mostra o panfleto de divulgação da Semana Hip-Hop:

FIGURA 03: Semana do Hip-Hop.



Fonte: <<http://cufaalagoanova.blogspot.com.br/2010/11/dia-mundial-do-hip-hop-sera-comemorado.html>>.

Além da Semana do Hip-Hop, os membros deste movimento de Campina Grande organizaram também o III Encontro de Hip-Hop, denominado Consciência Periférica, no XX Encontro da Nova Consciência, cujo tema utilizado pelo grupo foi "*O Hip-Hop como ferramenta educacional*". Tal evento foi realizado pela Central Única das Favelas (CUFA), no SESC/Campina Grande, no dia 08 de março de 2011.

O evento está voltado para ativistas e integrantes do Hip-Hop, educadores, pessoas apreciadoras e pesquisadoras da cultura, e também para os que querem conhecer parte da complexidade desse universo cultural. De maneira geral, configura-se de diferentes maneiras, para troca de experiências, novas aprendizagens, ampliação de redes e atuação artística e política¹¹.

¹¹ Disponível em: <<http://cufaalagoanova.blogspot.com.br/2011/03/3encontrode-hip-hop-consciencia.html>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

Para chamar a atenção da população para a Semana do Hip-Hop, confeccionaram-se cartazes que começaram a ser divulgados por sites e comunidades pela internet. A Figura 04 traz a imagem divulgada.

FIGURA 04: O Hip-Hop como ferramenta educacional.



Fonte:

<<http://cufaalagoanova.blogspot.com.br/2011/03/3encontrodehiphopconsciencia.html>>.

No dia 01 de outubro de 2010, no SESC Centro, em Campina Grande, o movimento da cidade realizou também a Etapa Estadual do Campeonato Nacional Brasil Break Dance – BRADAN, com a participação da atração nacional Z'África Brasil (São Paulo), do Mc Leo Thomas (João Pessoa), do Rapper Rimaël (Campina Grande) e do Dj Joh189 (Campina Grande). Na Figura 05, consta o ingresso do evento.

FIGURA 05: Batalha de Break em Campina Grande.



Fonte: <http://nh2crepresenta.blogspot.com.br/2011_09_01_archive.html>.

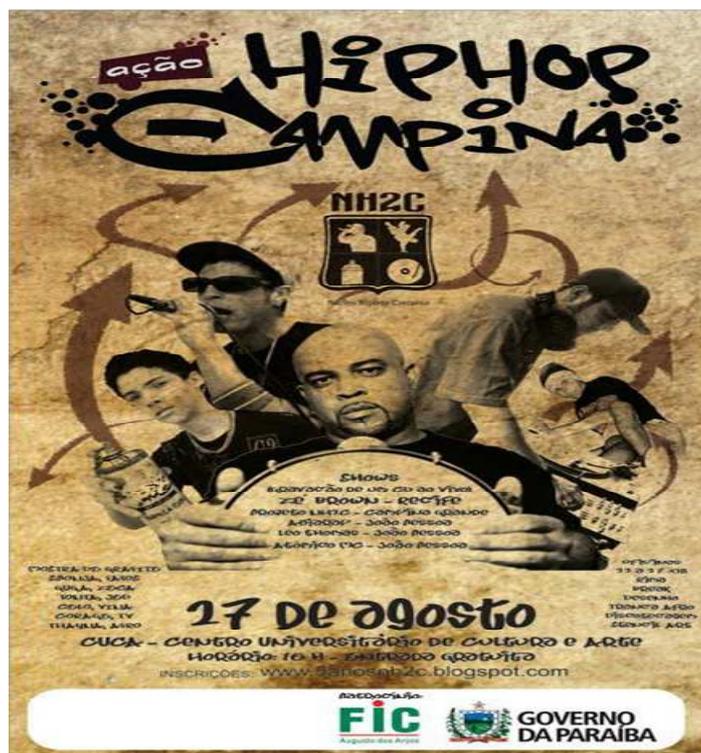
A Ação Hip-Hop Campina coincidiu com a celebração dos cinco anos do NH2C, ocorrida entre os dias 22 e 27 de agosto de 2011. Além de esse movimento trazer artistas que fazem parte da cultura, foram convidados também repentistas, seguindo o exemplo do movimento social do Rap e Rep. Na ocasião, desenvolveram-se oficinas para ensinar à população passos da dança Break, traços da arte do grafite, penteados característicos do universo da população negra, entre outras atrações, cujo intuito era transmitir à população algumas informações acerca do movimento.

O projeto Ação Hip Hop Campina, do proponente Thiago Alcântara (Dj Joh 189), resultado do edital do Fundo de Incentivo à Cultura (FIC) do Governo do Estado da Paraíba, realizará no período de 22 a 27 de agosto, em Campina Grande, um conjunto de ações voltadas à cultura Hip Hop, que tomará duas frentes distintas de operação¹².

O projeto Ação Hip-Hop Campina, além de ter sido divulgado nas redes sociais e na cidade, também o foi por grupos do movimento de outros estados. A Figura 06 mostra a arte feita para a divulgação do projeto, enquanto as Fotografias de 01 a 07 ressaltam alguns programas que ocorreram no decorrer do evento.

¹² Disponível em: <<http://5anosnh2c.blogspot.com.br/2011/08/projetoacaohip-hop-campina.html>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

FIGURA 06: Ação Hip Hop Campina.



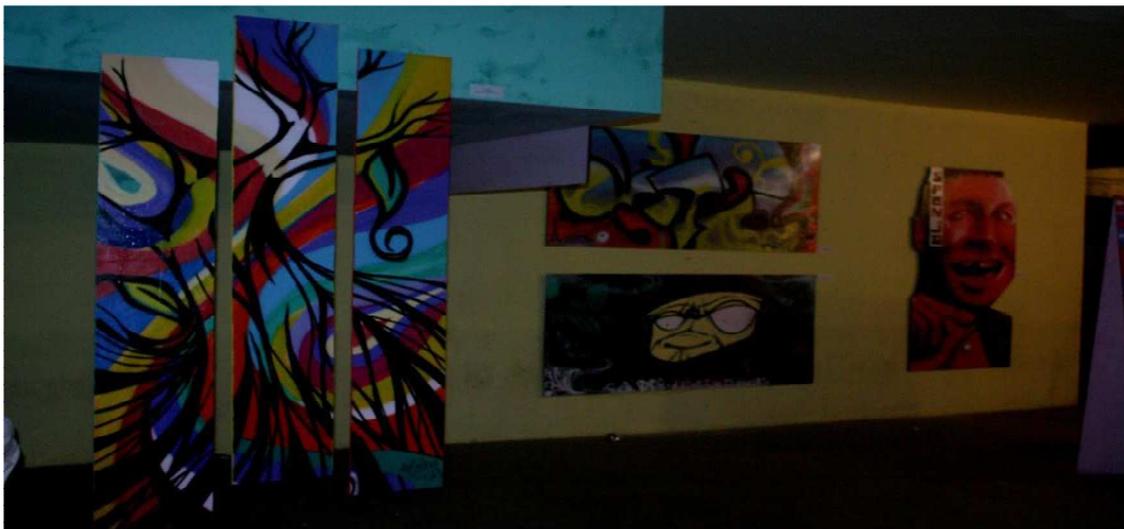
Fonte: <<http://5anosnh2c.blogspot.com.br/p/exposicao-de-grafite.html>>.

FOTOGRAFIAS 01 E 02: Show no CUCA, em 2011. À esquerda, rapper, dançarinos de Break e DJ's; à direita, um repentista.



Fonte: <<http://5anosnh2c.blogspot.com.br/2011/09/festa-movida-hip-hop-agita-campina.html>>.

FOTOGRAFIA 03: Exposição de grafite CUCA, em 2011.



Fonte: <<http://5anosnh2c.blogspot.com.br/2011/09/festa-movida-hip-hop-agita-campina.html>>.

FOTOGRAFIAS 04, 05, 06 E 07: Desenho para Grafitti, Break Dance e Stencil Art: Arte Urbana.



Fonte: <<http://5anosnh2c.blogspot.com.br/2011/09/festa-movida-hip-hop-agita-campina.htm>>.

Com esses eventos, os quais até então na cidade não ocorriam, muitos artistas que queriam aprimorar seus conhecimentos tiveram a oportunidade de cursar oficinas, como mostra citação retirada do site oficial do NH2C:

Sempre tive o interesse em trabalhar com a dança de rua, pois sou dançarino, mas, infelizmente, em Campina Grande, não existe cursos nesta área. Quando fiquei sabendo desta oficina, fiz minha inscrição rapidamente. Na oficina, recebi a informação que o mercado está necessitando de profissionais nesta área. É mais uma oportunidade de trabalho surgindo, disse Renato Silva (19), morador do bairro do Cruzeiro¹³.

¹³ Disponível em: <<http://5anosnh2c.blogspot.com.br/2011/09/festamovida-hip-hop-agita-campina.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

2. NARRATIVAS AFRO-BRASILEIRAS DAS CULTURAS JUVENIS CAMPINENSES: REPENSANDO O HIP-HOP E SUAS ARTES DE FAZER

Neste capítulo, mostraremos como, a partir da cultura afro-campinense, pode-se falar em movimento Hip-Hop na cidade, além de identificar como os jovens se portam com relação a essa questão.

2.1 A cultura afro-brasileira e as narrativas do Hip-Hop campinense

Quando falamos acerca do movimento Hip-Hop, logo pensamos em pessoas negras dançando, grafitando ou cantando. Contudo, apesar do movimento ter sido iniciado por negros pobres nos Estados Unidos, esse modelo foi se difundido por camadas sociais diferentes e, a partir disso, muitas pessoas de diferentes cores e culturas passaram a fazer parte do movimento.

A cultura afro-brasileira na cidade de Campina Grande tem grandes influências dentro de vários segmentos, tais como o Hip-Hop, que vem se tratar de um movimento que descende da população negra, ou seja, suas raízes estão ligadas diretamente à questão afro, como já mencionamos.

Apesar dessa grande influência e das entrevistas realizadas com membros participantes dessa cultura, na cidade de Campina Grande, podemos observar que a presença de negros dentro do movimento não é tão significativa. Cabe, então, a seguinte indagação: como um movimento diretamente ligado à cultura negra não conta com uma quantidade expressiva de pessoas negras?

Constatamos que nossos entrevistados são majoritariamente da cor branca e que a maioria acredita que a população negra deveria se interessar mais pelas questões ligadas a esse movimento, porquanto este seja feito a partir de pessoas negras. Esse posicionamento se evidenciou no depoimento da entrevistada a seguir:

Em Campina Grande, não existem muitos negros dançando o Break. Apesar de este estilo musical ter sido criado por negros, a maioria dos dançarinos são brancos. Acredito que eles devem abraçar a sua cultura e mostrá-la sem nenhuma vergonha (informação verbal¹⁴).

¹⁴ PEKENA, Bgirl. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida por Bgirl Pekena sobre a cultura Hip-Hop em Campina Grande-PB [20 out. 2012]. Entrevistadora: Ailanti de Melo Costa Lima. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (50 min.).

Percebemos que os negros e negras muitas vezes deixam de lado sua própria cultura por acharem que ela é errada, ou ainda, por vergonha de se autoafirmar como sendo pertencente a esta. Contudo, é de grande valia identificar que o movimento na cidade, a cada dia que passa, ganha maior espaço.

O grafite é um movimento social no qual não é necessário seguir uma religião específica, ou ainda ser de uma determinada cor ou ter uma determinada idade. É um movimento que não tem preconceitos; todas as pessoas de todas as religiões e culturas, e de qualquer idade, podem dele participar, sem se preocupar em serem discriminadas. Isto se denota no depoimento de uma grafiteira entrevistada: “Para mim, o grafite, apesar de surgir dos negros, ele é uma arte feita para todos, sem distinção de cor, religião e idade¹⁵” (informação verbal).

2.2 Tecendo histórias e representando um saber-fazer juvenil

A partir disto, essa cultura vem se formar na cidade trazendo um caráter social bastante expressivo, inicialmente por se tratar de um movimento originado pela população negra e pobre, sofrendo muito preconceito e discriminação. Todavia, apesar de esse preconceito ainda estar muito presente, observamos que a sociedade tem mudado, aceitando melhor o movimento.

Muitas escolas têm em sua grade curricular projetos e apresentações culturais o Break e o Rap, porquanto os jovens e também as crianças da cidade apreciem sobremaneira essa arte. Além dessas apresentações, podemos acrescentar que tanto escolas quanto universidades estão se abrindo para o mundo do grafite, doando paredes para que os grafiteiros possam expor o seu trabalho e, assim, difundir o movimento.

A partir dessas novas portas que estão se abrindo, apreendemos que a cultura está sendo cada dia mais difundida, não pelas rádios ou pela televisão, mas também pelo esforço dos próprios integrantes do movimento. Ao caminharmos pelas ruas, por exemplo, percebemos praticamente em todos os bairros muros grafitados. Ou ainda, testemunhamos performances de Break em praças e demais

¹⁵ GRAFITEIRA ANÔNIMA. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida por uma grafiteira anônima de 21 anos sobre a cultura Hip-Hop em Campina Grande-PB [26 nov. 2012]. Entrevistadora: Ailanti de Melo Costa Lima. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (50 min.).

espaços abertos, além de evidenciarmos essa cultura até mesmo em algumas igrejas, por meio do Rap.

Apesar dessa visibilidade e das tentativas dos jovens integrantes do movimento, por todos os meios, de torná-lo mais conhecido, usando seus próprios recursos para empreender projetos dentro de escolas e das comunidades, o governo local não faz nenhum investimento. Em outras palavras, os praticantes dessa cultura são ignorados, como denuncia uma grafiteira que foi entrevistada:

Em minha opinião, esse incentivo deveria partir do governo, fazendo uma campanha e oficinas sobre o grafite. Além disso, eles deveriam dar um incentivo monetário, pois o grafite já fez e faz muitos garotos e garotas saírem de um caminho ruim (informação verbal¹⁶).

Muitos movimentos do Hip-Hop campinense são divulgados pelas redes sociais, como, por exemplo, os blogs e as páginas do Facebook. Os jovens se valem desses meios por serem de fácil acesso, além de ter uma grande repercussão, como mostram as figura 07 e 08:

FIGURA 07: Doe um muro a um grafiteiro.



Fonte: <<https://www.facebook.com/doemuro>>.

¹⁶ GRAFITEIRA ANÔNIMA. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida por uma grafiteira anônima de 21 anos sobre a cultura Hip-Hop em Campina Grande-PB [26 nov. 2012]. Entrevistadora: Ailanti de Melo Costa Lima. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (50 min.).

FIGURA 08: Hip-Hop gospel paraibano.



Fonte: <<https://www.facebook.com/MovimentoHipHopGospelParaibano?fref=ts>>.

Além disso, muitos shows estão acontecendo na cidade, sempre divulgados via redes sociais:

FIGURA 09: Hip-Hop na Tenda.



Fonte:

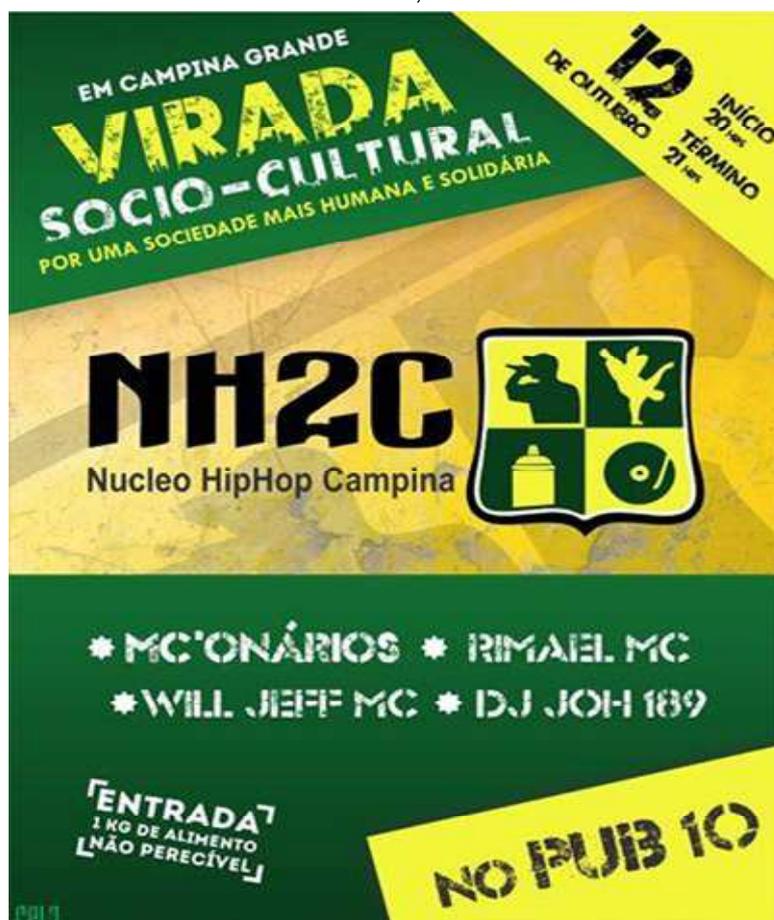
<<https://www.facebook.com/406841452702526/photos/a.406852566034748.94839.406841452702526/686900964696572/?type=1&theater>>.

FIGURAS 10 E 11: Pancadão mais Batalha de B.Boy.



Fonte: <<https://www.facebook.com/pages/NH2C-Representa/406841452702526?fref=ts>>.

FIGURA 12: Virada Sócio-Cultural, em 12 de outubro de 2012.



Fonte: <<https://www.facebook.com/pages/NH2C-Representa/406841452702526?fref=ts>>.

3. REPRESENTAÇÕES AFRO-CAMPINENSES DO HIP-HOP: OLHARES JUVENIS

Este capítulo aborda os quatro elementos do Hip-Hop, dando enfoque à sua prática na cidade de Campina Grande. Nele, discutiremos como, no contexto da cidade, este movimento emergiu e ganhou visibilidade.

3.1. O Rap e as formas poéticas de narrar o social

O Rap é um dos quatro elementos do Hip-Hop, expressando essa arte por meio da música e da letra. O rapper escreve uma letra inspirado em algo e transmite para o público com todo o seu sentimento. Criado nos Estados Unidos, o termo Rap é uma abreviação para *Rhythm and Poetry*, ou “ritmo e poesia”, tendo início com a comunidade negra. Diz-se que este estilo chegou por meio dos jamaicanos que imigraram para os Estados Unidos e levaram consigo essa forma de cantar, transmitindo-a para os outros que ali viviam.

O rap é um gênero musical nascido entre negros e caracterizado pelo ritmo acelerado e pela melodia bastante singular. As longas letras são quase recitadas e tratam em geral de questões cotidianas da comunidade negra, servindo-se muitas vezes das gírias correntes nos guetos das grandes cidades¹⁷.

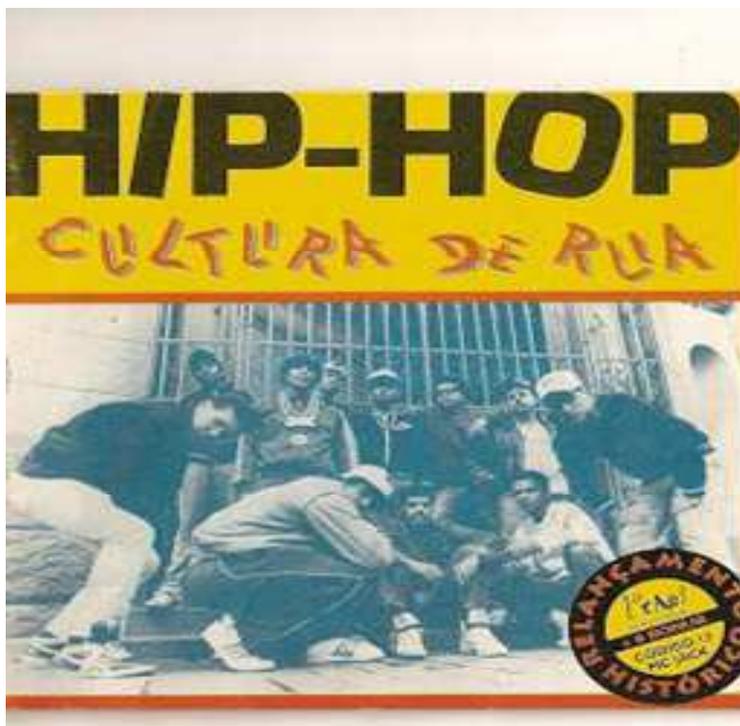
Fochi (2007) elucida que o Rap chegou ao Brasil em 1980. Contudo, ficou apenas nas favelas, escondido, até que em 1990, uma década depois, ele começa a ganhar espaço na indústria fonográfica brasileira, tendo em suas letras um aspecto diferente do Rap norte-americano, haja vista que o Rap brasileiro, por meio de suas músicas poéticas, fala acerca de temas ligados ao cotidiano, fazendo quase sempre menção ao futuro.

Em 1988, foi lançado o primeiro registro fonográfico de Rap Nacional, a coletânea *Hip-Hop Cultura de Rua*, pela gravadora Eldorado. Desta coletânea, participaram Thaide & DJ Hum, MC/DJ Jack, Código 13 e outros grupos iniciantes. A Figura 13 mostra a capa da coletânea. Em agosto de 1989, o MH2O – Movimento Hip-Hop Organizado – é criado por iniciativa e sugestão de Milton Salles, produtor

¹⁷ Disponível em: <<http://www.wooz.org.br/musicarap.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

do grupo Racionais MC's até 1995. O MH2O organizou e dividiu o movimento no Brasil, definindo as posses, gangues e suas respectivas funções.

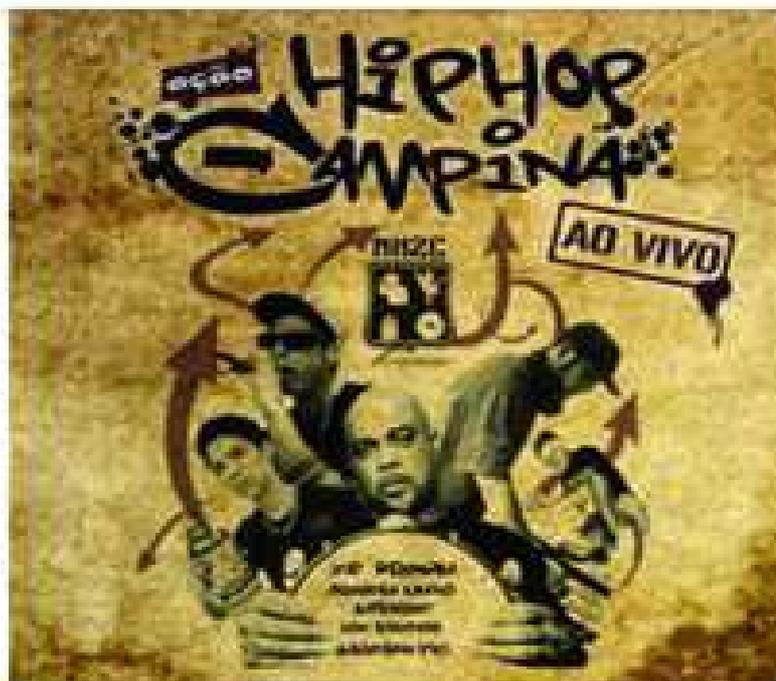
FIGURA 13: Coletânea *Hip-Hop Cultura de Rua*.



Fonte: <<http://www.hominiscanidae.org/2012/05/coletanea-hip-hop-cultura-de-rua-1988.htm>>.

A pessoa que transmite toda a sensibilidade das músicas do Rap se chama Mc. Ela é responsável por representar a cultura Hip-Hop para o público. Todavia, com o passar dos anos, o Mc passou a se chamar Rapper, sendo, desta maneira, a pessoa que canta Rap. Em Campina Grande, o Rap chega juntamente com o Hip-Hop em 2007, articulado ao grupo do NH2C. Nos dias atuais, o Rap conta com algumas vozes na nossa cidade, sendo uma delas o Mordekai Rapper, cujas músicas são ligadas a diversos temas, como cultura, religião, movimentos, juventude etc. Foi lançado um CD com músicas de Rapper's da cidade de Campina Grande. A Figura 14 abaixo mostra a arte da capa do trabalho:

Figura 14: CD RAP: artistas campinenses.



Fonte: <<https://soundcloud.com/nh2c>>.

Figura 15: CD lançado em Campina Grande, Repper Fiell



Fonte:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10205093196199581&set=t.1533994581&type=3&theater>>.

3.2. A dança e os modos de representar a arte

O Break é um dos quatro elementos da cultura Hip-Hop que se faz transmitir pelo movimento do corpo, ou seja, ele representa o Hip-Hop por meio do movimento corporal. Esse estilo surgiu a partir da junção de vários estilos de dança. Surgido na década de 1970, o Break foi criado pelos jovens negros e hispânicos de Nova York. Composto pelo Up Rock, Top Rock, Freeze, Footwork, going down, flare, "moinho de vento", "molinha suicida", "suicida", "reloginho", entre outros.

Oriundo de bairros negros e latinos de Nova York, este estilo faz com que o dançarino dê vida à dança. Como o Break surgiu a partir de um movimento social negro, esse estilo, a priori, retratava como estes jovens visualizavam o seu dia-a-dia, seu modo de viver, mostrando com movimentos corporais suas críticas à sociedade, às guerras e ao governo. Logo, esta dança se popularizou e se internacionalizou, à qual atualmente aderiram não apenas jovens das classes populares, mas também jovens da classe média-alta. Além disso, o *breakdance*, assim como nos Estados Unidos, também foi o primeiro dos elementos a ser difundido no Brasil.

Através desta dança, os jovens conseguem representar aquilo pelo que estão passando em suas vidas, seus medos, seus sonhos. Segundo Alves & Dias (2004, p. 06),

a dança *Break*, portanto, assume uma função nobre que a conduz para as raízes da vida. Mais do que uma modalidade de dança, o *Break* é uma maneira de existir. Resignificando a existência através de sua própria expressão artística, é uma atitude do corpo, a favor de sua própria valorização.

No Brasil, o movimento Hip-Hop, principalmente o Break, é muito conhecido. Muitos jovens, principalmente das comunidades carentes, começam a fazer aulas deste estilo de dança para fugir da sua realidade dura e sofrida. Hoje, há vários campeonatos de Break no Brasil e no exterior, para os quais jovens e adultos treinam o ano inteiro para poder participar.

Quando este estilo de dança chegou ao Brasil, os jovens dançarinos eram tidos como preguiçosos e desocupados, sendo vítimas de preconceito pela sociedade, além de muitas vezes serem vistos como marginais. No entanto, esses estereótipos criados para eles começaram a degringolar; e assim, o estilo passou a

se difundir. A partir desse acontecimento, não somente os negros e pobres faziam parte dele, como também jovens das classes mais altas. Como Foshi (2007, p. 63) elucida,

no início, os praticantes do break não eram bem vistos, chegando a sofrer preconceito e perseguição. Todavia, com o passar do tempo, a dança foi se disseminando, tornando-se conhecida e apreciada não só pelos negros, mas também por moradores e frequentadores de regiões nobres da cidade de São Paulo.

Em Campina Grande, existem, se comparados a cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, poucos dançarinos de Break. Um dos fatores para que isso aconteça é a falta de investimento por parte do governo, levando muitos a desistir da dança por não conseguir mantê-la. Segundo esses dançarinos, apesar da cultura Hip-Hop ser de origem negra, não há quase nenhum negro dançarino na cidade. Ainda de acordo com eles, seria necessário que os negros comesçassem a ter orgulho da sua cultura e participar desse movimento. Além disso, com frequência a população não aceita o movimento por não entender a cultura, comumente considerada como uma cultura ligada a fatores negativos. Essa questão é levantada por Ivis Love, quando perguntado acerca das dificuldades encontradas na cultura Hip-Hop:

Bem, teve uma grande resistência por meio da sociedade. Mas não culpo a sociedade, pois vejo de uma forma que os próprios integrantes da cultura têm que levar uma imagem para esta sociedade que não tem noção do que realmente se trata o Hip-Hop. O poder público nunca deu apoio nenhum à cultura e ainda continua assim, pois hoje só se apoia se verem que terão algum tipo de retorno para eles, com muito interesse. E, infelizmente, os falsos integrantes da cultura se vendem quase que de graça para deixar se espalhar uma imagem errada da nossa cultura. Mas entendo que o Hip-Hop nasceu - e não sendo diferente em Campina Grande - para quebrar paradigmas em relação ao poder público, sem se preocupar com o que lhes agrada, pois o dever de quem milita pela cultura sempre é levar o que a sociedade tem de melhor e recuperar o que se vê como pior. Acredito que preconceito, discriminação e exclusão existe até mesmo dentro da própria cultura, desde o momento onde se há uma separação de importância entre as artes do ballet, danças de salão e danças folclóricas e as danças de rua, que hoje usam o nome como danças urbanas para serem aceitas de melhor forma pela sociedade patrona que pré-julga as pessoas pelo que veem. Estas continuam sendo ainda as maiores dificuldades, estar resistindo e levando uma real imagem da cultura Hip-Hop, pois

muitos seguem o que não é verdadeiro, pelo agrado que isso traz (informação verbal¹⁸).

Além da questão da falta de investimento, o que nos chamou bastante à atenção é que esse estilo de dança perde muitos adeptos também por razões culturais, ou seja, Campina Grande valoriza bastante o forró, haja vista que aqui é realizado o Maior São João do Mundo. Por este motivo, o forró está em primeiro plano. Ademais, ainda existe o preconceito, pois não raro as pessoas acreditam que os dançarinos de Break são vagabundos, conforme pontua a seguinte afirmação:

O break em Campina Grande é muito desvalorizado. Em primeiro lugar, por aqui ser a capital do forró, ou seja, a maioria das pessoas acham que o forró é mais importante; e segundo, porque as pessoas acham que nós, dançarinos de rua, somos vagabundos, que não fazemos nada¹⁹ (informação verbal).

FOTOGRAFIA 08: Dançarinos de Break Campinense mostrando passos da dança.



Fonte: Arquivo Pessoal da pesquisadora.

No dia 14 de janeiro de 2014, foi fundada em Campina Grande uma das várias *Crews* (Organização, Família, Grupo) que tiveram início com os B. Boys

¹⁸ LOVE, Ivis. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida por Ivis Love sobre a cultura Hip-Hop em Campina Grande-PB [18 jun. 2014]. Entrevistadora: Ailanti de Melo Costa Lima. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (50 min.).

¹⁹ PEKENA, Bgirl. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida por Bgirl Pekena sobre a cultura Hip-Hop em Campina Grande-PB [20 out. 2012]. Entrevistadora: Ailanti de Melo Costa Lima. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (50 min.).

Erique e Ivis. Eles resolveram, após uma viagem para um evento de Hip-Hop, iniciar um grupo que mostrasse para a cidade essa cultura tão discriminada. O grupo tem por objetivo mostrar a arte, sem se esquecer das raízes campinenses.

Guerreiro do Ritmo Crew - o nome vem da luta constante em nossas vidas para conquistarmos o que queremos e nunca desistimos de nossas metas e sempre priorizando o conhecimento do ritmo dançado, utilizando a dança para ajudar pessoas a se desenvolverem contra a violência e o preconceito urbano. este grupo tem o breaking como modo de vida, pois este grupo tem como objetivo desde sua fundação viver profissionalmente da arte que pratica, participamos de vários eventos podendo assim colher informações que se resulta em conhecimento que possamos utilizar e repassar a frente a real face da Cultura Hip Hop²⁰.

3.3. O grafite nos territórios da cultura campinense

O grafite é um elemento da cultura Hip-Hop que há até pouco tempo era visto como pichação, a qual é um ato de vandalismo. No entanto, hoje, percebemos que essa arte tem ganhado certo espaço no Brasil, conseguindo ter exposições em grandes galerias do país. Os meios de comunicação atualmente já mostram a diferença entre essas duas formas de expressão. O grafite tem como principal objetivo retratar críticas sobre a sociedade.

Acrescendo-se a esses elementos, o Grafite pode ser definido como uma articulação das linguagens de rua, sendo perceptível nas paisagens. A partir da utilização de letras emaranhadas, elementos pertencentes às histórias em quadrinhos, estereótipos e frases conhecidas, os grafiteiros se apropriam dos territórios e das paisagens da cidade e exprimem suas características a esses espaços (LIMA, 2012, p. 03).

A arte do grafite em Campina Grande ainda é pouco conhecida em relação à questão nacional. Apesar de existirem grupos de grafiteiros, os governantes do município e a Secretaria Municipal de Cultura não concedem nenhum apoio ou incentivo a esta arte. Segundo os grafiteiros, seria necessário que houvesse campanhas para o incentivo do grafite, como também mais divulgação na imprensa

²⁰ Disponível em: <<http://ritmoefrequencia.blogspot.com.br/2011/04/guerreirosdoritmocrew.html>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

local. Todavia, apesar da falta de investimento, algumas escolas da cidade começam a buscar esses artistas para ministrar oficinas aos alunos.

Entre os jovens, essa arte é muito valorizada, pois eles conseguem encontrar nela uma maneira de expressar suas angústias, seus medos e, dessa forma, suas vidas. As Fotografias 09 e 10 mostram jovens grafitando o muro do CUCA e como ficou o grafite final.

FOTOGRAFIA 09: Jovens grafitando o muro do CUCA.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

FOTOGRAFIA 10: Resultado final da grafitação do muro do CUCA.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Muitas vezes visto como vandalismo, e seus criadores e artistas tidos como vagabundos e desocupados, o grafite vem tomado um lugar de destaque no mundo.

Várias artes em diversos lugares estão surgindo. Artistas brasileiros vão para o exterior e ganham a vida por meio dessa arte.

No biênio 2011-2012, artistas campinenses expuseram no CUCA cada um uma obra. Seus trabalhos foram expostos na cidade. Dentre os artistas expositores, figuraram Zeca, Tonta, Guga, Fatos, Tv, Celo, Thaynha, Corage, Jed, Afro, Vina e Sponja.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões empreendidas ao longo do trabalho, foi possível trazer alguns fragmentos do movimento social Hip-Hop na cidade de Campina Grande-PB. Entrelaçando o Break, o Rap e o Grafite, que são símbolos fundamentais e de crucial importância para o entendimento do movimento, observamos a questão dos jovens e como estes identificam e fazem o movimento, além de investigar o olhar destes sujeitos com relação à questão afro-brasileira.

Tentamos compreender o Hip-Hop não somente em sua cidade formadora, e, sim, remetendo-o a Campina Grande, com vistas a evidenciar como os jovens praticantes o entendem, ressaltando seu surgimento e sua trajetória na cidade e identificando os novos sentidos recriados para cada raiz do movimento.

Por intermédio das pesquisas e entrevistas realizadas, percebemos que o movimento na cidade de Campina Grande teve um (re) significado, pois de antemão, ele nasce por jovens negros e pobres que, a partir dos seus sentidos, faziam transparecer seus medos e indignações pelas injustiças que ocorriam na época. Verificamos que, hoje, não somente jovens negros e pobres abraçam o Hip-Hop, pertencente à cultura afro-brasileira. Percebemos que jovens não negros e pessoas que fazem parte da elite também integram o movimento, seja através do Break, do Rap ou do grafite.

O trabalho mostrou-se relevante dentro do contexto dos estudos étnico-raciais, pois se torna claro que este movimento nasceu de uma população negra. Portanto, chegou ao Brasil e, conseqüentemente, à cidade de Campina Grande por meio deles.

Ressaltamos, ainda, que a teia de relações envolvendo o movimento Hip-Hop e a questão afro-brasileira, perpassado o universo dos jovens praticantes dessa arte, interligam-se, desenvolvendo maneiras de se estudar tais temas.

Pretendemos, nesse trabalho, compreender como a cultura do Hip-Hop chegou à cidade, promovendo um incursão pelo universo afro-brasileiro e pelo olhar dos jovens para demonstrar como, de maneira tão singular, eles conseguiram vencer as barreiras que lhe eram impostas para transformar e divulgar essa cultura que até os dias atuais é vista com maus olhos por pessoas que fazem parte dessa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Flávio Soares; DIAS, Romualdo. A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop. **Motriz**, Rio Claro, v.10, n.1, p.01-07, jan./abr. 2004.

BURITTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Ensinar e aprender História**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica, memória, identidade e representação**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. Hip Hop Brasileiro: Tribo urbana ou movimento social? **FACOM**, n. 17, 1º semestre de 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LIMA, J. C. de. **Desvendando a paisagem urbana: uma análise socioespacial do grafite na área central de Campina Grande-PB**. 2012. 60f. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, Gustavo. Novas sociabilidades juvenis a partir do movimento Hip Hop. **Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais Humanas, v. III n. 2, Santa Maria, NedMídia, 2004.

SANTOS, Gevanilda; SILVA, Maria Palmira da. **Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Rosa Luxemburg Stiftung, 2005.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

A CONSTRUÇÃO DO HIP HOP: Dança de rua. 2006. Disponível em <<http://www.dancaderua.com.br/historia.htm#hiphop02>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

AÇÃO HIP HOP CAMPINA. Disponível em: <<http://5anosnh2c.blogspot.com.br/2011/08/projeto-acao-hip-hop-campina.html>>. Acesso em: 15 set. 2014.

A HISTÓRIA DO RAP. Disponível em: <<http://www.wooz.org.br/musicarap.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

GUERREIROS DO RITMO. Disponível em: <<http://ritmoefrequencia.blogspot.com.br/2011/04/ guerreiros-do-ritmo-crew.html>>. Acesso em: 23 set. 2014.

KW. **O que é o Hip Hop?**. In: Hip-Hop: !!!Eu estou aqui!!!. Disponível em: <<http://kworlddancer.webnode.pt/o-que-e-o-hip-hop/>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

O HIP HOP COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL. Disponível em: <<http://cufaalagoanova.blogspot.com.br/2011/03/3encontrodehiphopconsciencia.html>>. Acesso em: 16 set. 2014.

O QUE É O HIP HOP? Disponível em: <<http://kworlddancer.webnode.pt/o-que-e-o-hip-hop/>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

RAP E REPENTE. Disponível em: <<http://mundocordel.blogspot.com.br/2007/10/rap-e-repente.html>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

RIBEIRO. **Apostila Conheça o Hip-Hop-wagz Nos Think Criu**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/199774378/Apostila-Conheca-o-Hip-hop-wagz-Nos-Trink-Criu>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

[SHOW DO ZAFRICA BRASIL E BATALHA DE BREAK EM CAMPINA GRANDE](http://nh2crepresenta.blogspot.com.br/2011_09_01_archive.html). Disponível em: <http://nh2crepresenta.blogspot.com.br/2011_09_01_archive.html>. Acesso em: 23 set. 2014.

VENTURA, Bruno. **As raízes**. In: Hip-Hop: !!!Eu estou aqui!!!. Disponível em: <<http://kworlddancer.webnode.pt/as-raizes/>>. Acesso em: 02 dez. 2014.